



## **Análise do Discurso foucaultiano na Educação: uma discussão sobre a contribuição da mídia nos processos pedagógicos do contemporâneo<sup>1</sup>**

Gisela Pascale Leite<sup>2</sup>

Lélisa Pereira Oliveira<sup>3</sup>

Alunas do curso de especialização em Mídia, Tecnologia e Novas Práticas Educacionais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

### **Resumo**

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de provocar uma reflexão acerca do método foucaultiano de análise do discurso em educação realizado pela pesquisadora Rosa Fischer. A relevância deste trabalho é apresentar o método e suas contribuições para a área da educação em interface com a comunicação. O trabalho pretendeu problematizar a discussão em torno do método, contribuindo como ferramenta para se pensar a mídia como um campo privilegiado no qual, através dos enunciados, é possível produzir subjetividade que refletem nos comportamentos, atitudes ou discursos dos sujeitos. Para ela, toda sociedade produz discursos de saberes e que munidos de poderes exercem uma certa pedagogia do ser que governa a existência humana por processos de subjetivação.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Mídia e Educação.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Jornalista, atualmente cursando Pedagogia e especialização em Mídia, Tecnologia e Novas Práticas Educacionais pela Puc-Rio. E-mail: gpcl@terra.com.br.

<sup>3</sup>Formada em Psicologia, especialista em Psicologia, Subjetividade e as Instituições de Saúde e atualmente cursando Mídia, Tecnologia e Novas Práticas Educacionais na Puc-Rio. E-mail: lelisapo@hotmail.com



## 1. Introdução:

Este artigo privilegiou os estudos sobre a metodologia de análise foucaultiana nos estudos sobre mídia e educação da pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer. Ao longo do trabalho foram apresentados conceitos importantes do autor, com o intuito de oferecer subsídio para se discutir os conceitos metodologicamente (Fischer, 1996). E, para situar o leitor em relação ao método, apresentou-se aqui alguns resultados de pesquisas realizadas pela Fischer e citada por ela em alguns de seus artigos, com a finalidade aproximar prática e método, tornando mais claro e objetivo para o leitor a proposta de ambos os autores em relação as suas práticas que é relacionar os discursos e práticas sociais. Não obstante, este trabalho compactua com a mesma premissa e buscou ser claro nas suas pretensões em apresentar a autora como uma referência para o campo da educação em relação a este método de análise.

Ao longo dos anos, Fischer vem desenvolvendo pesquisas com crianças, adolescentes e mulheres, por exemplo, e investigando o que estes consomem através das mídias, principalmente televisiva e impressa. Ou seja, seu objeto de investigação é a comunicação tradicional, linear.

Todavia, por considerar que ainda que os meios de comunicação tenham se sofisticado muito, e o farão ainda mais, as pesquisas em comunicação ainda não conseguiram respostas satisfatórias para que se compreenda a relação que a televisão teve e ainda tem com o seu telespectador. Cada vez mais a televisão e os jornais impressos se tornam interativos. Entretanto, ainda não se tem a dimensão sobre o quanto estas relações são dialógicas. Sendo assim, debruçar-se sobre os estudos da autora sobre as mídias tradicionais, parece ser um convite a aprofundar-se no que fora analisado e uma provocação para ir além. A *Internet*, os celulares, *Ipod*, e tantas outras ferramentas do século XXI modificaram a relação do homem consigo mesmo, com os outros, bem como a maneira como os discursos são construídos no contemporâneo (Braga, 2006) e, conseqüentemente, como o corpo é percebido.

Mais uma vez a obra de Foucault se faz contemporânea. A maneira como ele apresenta o seu método, aproximando prática e teoria (Fischer, 2008) se faz pertinente para explicar os fenômenos midiáticos do contemporâneo, desde que adaptado aos novos modelos sociais, às novas construções históricas, às novas relações de poder, aos novos discursos e enunciados, aos novos corpos virtuais. Ou seja, a teoria genealógica de Michel Foucault aplicada nos estudos sobre mídias tradicionais de Rosa Fischer é um “banquete” para os novos pesquisadores. É uma provocação positiva para que se investigue como a comunicação em rede se relaciona com os corpos reais e virtuais.



Como afirma Silvestone (2002) a mídia é um local onde se travam batalhas políticas e que há nelas um cunho pedagógico (Fischer 2002). Por estas razões, quem deseja refletir e entender o contexto em que se vive hoje, precisa voltar-se para os fenômenos comunicacionais e buscar compreendê-los em sua estreita relação com a produção de subjetividade e de comportamento do sujeito mediado pelas tecnologias e novas tecnologias, não obstante, suas ferramentas e funções pedagógicas.

## **2. ‘Foucault e a análise do discurso em Educação’: uma apresentação teórico-metodológica sobre as pesquisas de Rosa Maria Bueno Fischer.**

O artigo da autora Rosa Maria Bueno Fischer (1996) intitulado ‘Foucault e a análise do discurso em educação’ tem o objetivo, segundo a mesma, de oferecer elementos para uma discussão teórica e metodológica sobre o conceito de discurso em Michel Foucault e a sua respectiva contribuição para as investigações no campo educacional. A metodologia que a autora utiliza para analisar sua pesquisa, e que serve também para ilustrar seus argumentos a cerca do método ao qual está apresentando como recurso metodológico é a Análise do Discurso de Foucault.

A autora afirma que para Foucault analisar o discurso é dar conta das relações históricas e de práticas muito concretas que são ‘vivas’ nos discursos. É abandonar a idéia de que há coisas por trás das cortinas, ou sobre o chão que se pisa. Para ele, os documentos são produções históricas e políticas, do mesmo modo que as palavras o são, e a linguagem é constitutivas de práticas.

Segundo ela, Foucault descreve os atos de falas como algo que se inscreve no interior de algumas formações discursivas, e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que se obedece sempre a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo.

Desta forma, ao analisar um discurso é imprescindível diferenciar os atos de fala dos enunciados. Posto que estes conceitos estão relacionados, mas de forma alguma podem ser confundidos como sendo a mesma coisa. Isto porque, os sujeitos constroem argumentos que diz respeito a um conjunto de práticas discursivas que, como foram mencionadas anteriormente, tem o caráter, principalmente, histórico e político. Relacionando-se com o poder, por exemplo, dos saberes construídos pelas ciências naturais e sociais, como a biologia, a medicina, ou a psicologia e a antropologia entre outros (Foucault, 2006).

Rosa Fischer (1996) a título de ilustrar este conceito de Foucault sobre a diferença entre o ato de fala e o enunciado, descrito no seu trabalho, cita o exemplo de uma adolescente que vai para a televisão e diz que só deixará de ser virgem quando encontrar a ‘pessoa certa’. Esta afirmativa, sob a perspectiva da análise do discurso foucaultiano, é compreendida segundo as inscrições nos



dispositivos da sexualidade dos adolescentes na atualidade, dos enunciados de determinadas formações discursivas relacionadas ao campo da medicina, da psicologia, da publicidade, dos discursos feministas, entre outros. Como afirma a autora, é um modo de existência sexual, de um modo de ser mulher na juventude. E, para que se compreenda o que é ser um adolescente no contemporâneo, far-se-á imprescindível mapear os ditos sobre sexualidade jovem nas diferentes cenas enunciativas. Ao invés de buscar explicações lineares, de causa e efeito, simplistas e lineares, como atenta ela. Em síntese, é perguntar por que isto é dito aqui, deste modo, nesta situação, e não em outro modo e lugar de forma diferente.

Foucault conceitua o discurso como uma prática social e que se realiza em razão das relações de poder, sendo que o poder produz inúmeros saberes. E a postura deste filósofo é justamente demonstrar que o contemporâneo insiste em descontextualizar as práticas sociais em relação as suas práticas históricas e apresentá-las isentas das relações de poder que foram produzidas discursivamente e ao mesmo tempo produtoras de discursos e de saberes. Em síntese, diz respeito a fixação em saber a verdade do sujeito, em construir o sujeito como lugar de verdade, em construir para todos discursos de verdades (Fischer, 1996).

Para ele o discurso é formado por diversos enunciados, sendo que os enunciados caracterizam-se por possuírem quatro elementos principais: um referente, um sujeito, um campo associado e uma materialidade específica. O referente é algo que possibilita a diferenciação; o sujeito é quem ocupa uma posição; o campo associado diz respeito ao fato de que o enunciado coexiste com outros enunciados, e finalmente a materialidade do discurso diz respeito as coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas, ou seja, passíveis de reprodução (Foucault, 1986, apud Fischer, 1996).

Os discursos são compreendidos como plurais, heterogêneos, e portanto, os enunciados têm a características de serem dispersos. E o trabalho do pesquisador é justamente construir unidades a partir destas dispersões, como aparecem e como se distribuem no interior do conjunto, afirma ela.

Com o intuito de contextualizar estes conceitos, a autora cita como exemplo sua pesquisa sobre mídia e adolescência. Segundo ela, o objeto unificador dos discursos não foi o objeto adolescência, propriamente dito, mas sim um modo de ser adolescente a partir do que se diz da adolescência. E por tanto, ela recorreu a documentos produzidos pelos meios de comunicação, por considerar que na atualidade adquire visível, centralidade. Construir unidades para Foucault é multiplicação da realidade da coisa dita, que segundo ele, existe em sua pobreza. E em resumo, o discurso para o analista é o lugar de multiplicação dos discursos, bem como o lugar de multiplicação dos sujeitos. Quando um sujeito fala, inúmeras vozes falam com ele. Não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas se defronta com um lugar de sua dispersão e de sua



descontinuidade, porque ele é ao mesmo tempo falante e falado e porque através dele os outros também falam.

Fischer (1996) diz imaginar que os adolescentes falam e são falados de diversas maneiras na mídia, todavia, há uma lei de propriedades dos discursos: só alguns têm o direito de falar com propriedade sobre sexualidade dos adolescentes, por exemplo

A autora afirma que ao deixar aflorar a interdiscursividade, as contradições aparecem, enfim, aparece a heterogeneidade que subjaz todo discurso. E a mídia é considerada um campo privilegiado para se investigar a interdiscursividade dado seu potencial de permitir que várias instituições falem, como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdades” na sociedade contemporânea e principalmente por criar um campo próprio para o seu discurso. Para ela, atualmente, todos os discursos sofrem uma mediação ou reprocessamento através dos meios de comunicação. A mídia condensa a interdiscursividade e nela se multiplicam os discursos de diversas disciplinas,

Para finalizar, pode-se dizer que a mídia é uma ferramenta importante para os enunciados, não somente pela sua veiculação, mas também pela sua transformação. Uma vez que, como mesmo afirma Foucault: uma prática discursiva toma corpo em técnicas e efeitos. (Foucault, 1986, apud Fischer, 1996). E as técnicas, as práticas e as relações sociais em que estão investidos os enunciados, constituem-se ou mesmo se modificam através das ações destes enunciados. Ou seja, as coisas não têm o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relação com o que as cerca, os mesmos esquemas de uso, as mesmas possibilidades de transformação depois de terem sido ditas. (ibidem, p. 21). Pode-se especular então que a mídia favorece essa dispersividade dos enunciados. Por ser um lugar que articula enunciados e práticas, enunciados e técnicas, sobre um dado objeto e que apontam para lugares maiores de aplicação, como as instituições, afirma ela.

Sendo assim, para o que se foi e o que se é e o que disseram os ancestrais, marcam os corpos, penetra-os e os produz. é desta forma que Foucault ensina a fazer história, fundamentalmente ocupado por uma genealogia que se volta para a ocupação dos corpos, para a apreensão das descontinuidades como coisas vividas e inscritas nesse lugar único e irreduzível dos indivíduos (FISCHER, 1996).

No contemporâneo estas discussões se acirraram, posto que as novas tecnologias possibilitam cada vez mais a virtualização dos corpos. Os *avatares* são os representantes virtuais dos corpos reais. Todavia, Foucault define o corpo como um local estratégico para as lutas. Local onde se inscrevem os enunciados e onde se efetuam as práticas. Ao que parece, o corpo virtualizado não conseguiu escapar destas leis e submissão.



**Pois (...) sobre os corpos se encontra o estigma dos acontecimentos do passado do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros, nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se destacam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1992, p. 22, apud Fischer, 1996).**

### **3. ‘‘Sobre os dispositivos pedagógicos da mídia’’: a televisão no foco da investigação – experimentando imagens como método de análise de dados.**

No texto ‘‘*O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) tv*’’, Fischer (2002) discute o conceito pedagógico da mídia com base no conceito de Michel Foucault sobre os dispositivos de sexualidade e de modos de subjetivação. A autora mostra de que modo a mídia televisiva opera na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, de que forma se dirigem a educação das pessoas, ensinando-lhes como devem ser e estar na cultura em que vivem. Para tal, a autora comenta resultados de sua pesquisa a respeito das estratégias de interpelação dos sujeitos de distintas classes sociais e de diferentes produtos televisivos.

A autora afirma que os resultados da pesquisa apontam para o fato de que múltiplas e complexas questões estão relacionadas às formas pelas quais se produzem sentidos e sujeitos na cultura. Bem como, a urgente necessidade de transformar a mídia em objeto de estudo no âmbito das práticas pedagógicas escolares.

Ela põe em discussão o primeiro ponto que deseja abordar neste trabalho e que diz respeito ao fato de que as práticas escolares no contemporâneo se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

A mídia é compreendida não somente como fonte de lazer e informação, mas como um lugar extremamente poderoso no que tange a produção e circulação de uma série de valores, concepções, representações, relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem se é, o que se deve fazer com o seu corpo, o que se deve comer, e tantas outras coisas mais. Ela sintetiza afirmando que torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação ao lado da escola, da família, das instituições religiosas.

Em seguida, Fischer (2002) reflete sobre a mídia, a produção de sujeitos e subjetividades. Para tal, recorre aos conceitos foucaultianos de sujeito, subjetividade, subjetivação, discurso e relação de poder.

Segundo a autora, o termo subjetividade em Foucault está relacionado às experiências que o sujeito faz de si mesmo, num jogo de verdade em que é fundamental a ‘‘relação consigo’’. Foucault convida o sujeito a observar-se e a reconhecer-se como um lugar de saber e produção de verdade. As experiências são visíveis em técnicas e exercícios propostos em espaços institucionais



específicos e históricos. Para ele, a subjetividade é formada especialmente mediante esses tipo de experiências, como por exemplo, as práticas escolas de exercícios de auto-avaliação ou as técnicas de reflexão sobre ações vividas.

Para Foucault (1995, apud Fisher, 2002) o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro, por meio das relações de controle ou dependência, ou então a si mesmo, pela sua identidade e mediante a prática de conhecimento de si. E a fuga para tal controle ou dependência por parte do sujeito, como sugere Deleuze (1999 apud Fischer, 2002) é justamente voltar-se para si, num modo artista de ser de lutar contra todas as formas de subjetivação (Foucault, 1995a, p. 236 apud, apud Fischer, 2002). Todavia, como afirma a autora, nem tudo é pensado pelos poderes e saberes em jogo um dado momento histórico.

A autora considera que tratar do dispositivo pedagógico da mídia significa tratar de um processo concreto de comunicação, de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos. A análise destes produtos midiáticos compreende questões relativas à linguagem, a compreensão dos processos de comunicação e informação, e sobretudo, as questões relacionadas ao poder e as formas de subjetivação. Para ela, a mídia “parece fazer alguma coisa”, com o ser sujeito no contemporâneo (Fischer, 2008)

Para tal, a autora se fundamenta no conceito de dispositivo da sexualidade de Foucault (1990a, p. 100 apud Fischer, 2002) para escrever o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo, já que nele se produzem saberes e discursos, e ao mesmo tempo um aparato não discursivo, uma vez que está em jogo através dele uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir Tv, rádio, revistas, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político. Todo este contexto incita ao discurso sobre si mesmo, à revelação permanente de si, sendo que estas práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser na cultura em que se vive.

A autora menciona também que este projeto de publicização da vida privada e da pedagogização midiática possui estratégias de poder e resistência para operacionalizarem suas práticas e contam concomitantemente com os movimentos de controle e resistência.

Com a finalidade de ilustrar os argumentos citados acima, ela apresenta duas pesquisas realizadas por ela: “*O estatuto pedagógico da mídia*” e “*Subjetividade feminina e diferença no dispositivo pedagógico da mídia*”, na qual se observa à mídia ocupando o lugar de quem educa, faz justiça, investiga fatos, ensina como fazer tarefas do cotidiano, entre outros. E para analisar esses materiais televisivos ela definiu um conjunto de categorias organizados em dois principais grupos: o primeiro relacionado aos diversos modos de subjetivação, considerando todas as formas de se produzir televisão, uma volta sobre si mesmo, por exemplo, as técnicas de exposição do sujeito

como confessar a intimidade, o erro, a culpa, da reflexão sobre o vivido, da auto-avaliação, da autodecifração e auto-transformação. Trata-se do governo de si para o governo dos outros, por meio de um conjunto de técnicas através das quais se propõe a todos que se façam minuciosas operações sobre os corpos, sobre os modos de ser e sobre as atitudes a assumir (Fischer, 2002); o segundo grupo relacionado à própria linguagem da mídia (*stricto sensu*), particularmente da TV cuja função é construir uma certa sintaxe da mídia que engloba todos os recursos de roteiro, cenografia, elenco, figurino, edição, e sonorização, que foram anotados na medida em que ela identificou como pedagógicos, isto é, pertinentes às técnicas de subjetivações descritas anteriormente.

Os primeiros resultados de pesquisa da autora, segundo ela, apontam para o fato de que a exposição dos indivíduos na televisão é uma técnica que se aperfeiçoa. Para ilustrar esta afirmativa, ela cita os exemplos dos telejornais, no qual pessoas dão verdadeiras lições de vida, confessam verdades sobre si e que isto possibilita que os outros se reconheçam naquelas histórias, se auto-avaliem ou se autodecifrem em relação ao tema. E se agregam a isto os recursos tecnológicos de *zoom*, cortes, edição e tantos outros para enfatizar o sujeito que sofre, chora, emociona-se, demonstra culpa, como se a televisão pudesse penetrar na intimidade daquele que fala e ao mesmo tempo daquele que “especta” (Fischer, 2002). Os *Reality Shows*, assim como os telejornais e tantos outros programas na televisão comprovam a estreita relação entre as estratégias de linguagem da televisão e as tecnologias do eu (ou técnicas de subjetivação), afirma ela.

Fischer (2002) transforma a televisão em objeto de estudo por considerar a centralidade da influência desta na cultura contemporânea, e para ela, para que se realize um trabalho pedagógico coerente com as exigências atuais é preciso considerar a mídia como um lugar de produção de sentidos na sociedade.

Para finalizar seu trabalho, a autora apresenta sua proposta de estudo como sendo “desmanchar” os materiais televisivos, como ela declara ter feito nas duas pesquisas citadas, cujos resultados sugeriram um tipo específico de linguagem e de comunicação, além de uma forma particular de subjetivação, de ensino e de aprendizagem de modos de agir, sentir, atribuir valores, etc.

Para ela o trabalho pedagógico é realizado na medida em que educadores e estudantes exercitam cotidianamente suas práticas pedagógicas, numa postura franca e aberta às mídias, e num trabalho detalhado e generoso sobre a construção da linguagem desta.

Em síntese, a autora afirma que na atualidade, como escreveu Foucault, a grande luta a ser empreendida será aquela contra tudo o que submete a subjetividade e, o campo da educação pode contribuir nesta luta pesquisando e questionando sobre como cada um participa dos processos de produção de sentido na sociedade (Fischer, 2002), como cada um está submetido às normas e regras



veiculadas sobretudo pelos meios de comunicação e como a sociedade enfrenta a sua mídia (Braga 2006).

#### **4. “Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na “sociedade da informação””: como os jovens consomem os produtos midiáticos e sua estreita relação com os processos pedagógicos da mídia.**

Fischer (2004) inicia sua discussão citando Zygmund Bauman, afirmando que os textos midiáticos, por exemplo, revistas, jornais, filmes, pinturas, teatro, são criados e multiplicados com a intenção de ultrapassar as contingências humanas, na busca de estratégias de transcendência. Sendo assim, a comercialização de sentidos é levada ao extremo, com o avanço e sofisticação das novas tecnologias de comunicação e informação.

Em seguida, a autora se posiciona enquanto pesquisadora da área de ciências humanas e da educação, ressaltando, portanto, a importância de saber como o comércio destas mercadorias chega até as pessoas e como as pessoas recebem estas mercadorias, bem como, quais são os tipos de produtos ofertados, e a que papel a escola estaria sendo evocada diante do fato de que as tecnologias compõem o processo de “ser” dos sujeitos no mundo. Para tal, Fischer cita como exemplo o resultado de sua pesquisa com jovens em relação a esta problemática que constatou, a partir do relato de alunos, que estes ficam até seis horas em frente à televisão diariamente.

Com o intuito de situar os leitores em relação a sua pesquisa, Fischer descreveu a metodologia utilizada para realizar sua investigação. Segundo ela, sua pesquisa contou com cinco grupos de recepção, selecionados em Porto Alegre. Contando com a colaboração de alunos do Ensino Médio de uma escola particular e outra pública estadual; alunos de uma escola que se dedicavam ao estudo para trabalhadores; jovens e adultos não escolarizados e tempo normal; calouros do curso de Comunicação Social, alunos do quarto período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cada grupo contava com a participação de 6 a 16 participantes. Foram num total de 21 encontros em 2003, com duração média de duas horas, no qual se exibiu trechos de programas midiáticos dedicados a jovens ou que fizessem referências a estes. (ibidem, p.5), por exemplo, os exibidos na Rede Globo, Record e MTV (ibidem. p.6).

Fischer apontou como resultado de sua pesquisa os debates com jovens a respeito do programa da Rede Globo *Malhação*. Dizendo que jovens de escola pública e de classe popular afirmaram se identificar com os personagens do programa pelos conflitos de geração, pela sexualidade ou pelas temáticas que envolviam uso de drogas, por exemplo. Fica claro aí, pressupostos de autores pós-modernos, como Kellner (2001) de que na contemporaneidade as

peças se identificam com as outras muito mais por questões políticas do que sociais, do tipo marxianas clássicas, de extratos sociais cujas origens se deram nas questões econômicas. <sup>1</sup>

Ela afirma que os programas de televisão abordam como temática principal os conflitos provenientes dos antagonismos, sabores e dissabores do amor, a vida e a possibilidade da morte, por exemplo, e que estes são imbuídos de valores políticos, ideológicos e econômicos, que assumem concretude através dos roteiristas, diretores, patrocinadores e pela emissora. Tudo de acordo com o contexto social de cada época. E que, portanto, estes produtos falam com os adolescentes e, conseqüentemente, auxiliam na formação das gerações mais novas (ibidem, p.7).

Em seguida, a autora aponta o que fora o grande mobilizador de sua pesquisa: compreender como os jovens estariam aprendendo o sentido da vida pública na atualidade através das experiências midiáticas. Para responder ao seu questionamento, Fischer recorre a Bauman, dizendo que na contemporaneidade, a sociedade se caracteriza por ser individualizada e que as narrativas individuais não possuem uma ligação com a sociedade de maneira geral. Logo, os indivíduos estariam impossibilitados de dialogar e negociar enquanto seres sociais, posto a atomização dos mesmos.

Ela aborda em seu artigo um questionamento de Bauman a respeito dos programas que possuem o formato de *Reality Show*. Ele quer saber que tipo de reflexão acompanha aquelas narrativas. E, respondendo a sua pergunta, afirma que é justamente a falta de questionamento, é a abertura na própria narrativa, para que tanto os personagens dos programas, quanto os espectadores não pensem sobre as regras que se constrói naquele programa.

A autora expõe sua opinião a respeito do programa e diz que no *Big Brother*, a todo o momento, os participantes são lembrados de que estão participando de um jogo, que as regras são sempre externas, jamais impulsionadoras da criação e da aceitação da imprevisibilidade, fugindo da alegria e da imprevisibilidade que um jogo necessita na sua essência para existir.

Entretanto, o jogo exhibe, na maior parte das vezes, pessoas felizes e produzidas, vivendo situações que parecem surgirem ao acaso, enredada pelas circunstâncias de um dia-a-dia num ambiente doméstico, e não laboratorial. Se é que se pode considerar assim.

Posteriormente, Fischer analisou o que os jovens disseram a respeito de uma série exibida no Jornal hoje, às treze horas da tarde, dedicado a temática sobre o que os *teens* consomem e sua relação com o dinheiro, bem como um trecho da minissérie “Cidade dos homens”. Todavia, a autora foi pontual e citou poucos resultados obtidos através dos recortes das exibições dos produtos midiáticos e o material extraído a partir das falas dos jovens.

Em suma, segundo ela, os jovens demonstraram mal-estar e sentimento de impotência diante da miséria e da pobreza de outros jovens. Também ficaram solidários diante de pessoas que



precisavam trabalhar muito, enquanto eles, disseram ter tudo, e o teriam pelo resto da vida. Demonstraram certa passividade em relação à ordem social, ou seja, que não teriam mecanismos para superar os preconceitos sociais em relação aos que não possuem objetos de estima social. No exemplo da pesquisa, Fischer cita o *tennis* de marca e a fala dos jovens em relação ao produto, dizendo que não poderiam abandonar a marca e serem apontados como os desprovidos daquele objeto. Bem como, não poderiam considerar um outro jovem que não possui tal produto como igual a eles. “Todos seriam iguais, quando todos tivessem num mesmo plano” (Fischer, 2004, p. 8).

De certa forma, a pesquisa denunciou a tendência do Mercado: de selecionar aqueles que podem consumir. Na verdade, o Mercado produz para todos. Inclusive para os que ficarão de fora do consumo. É um jogo de força dos que podem consumir “as marcas” e dos que desejam incessantemente “chegar lá”, quer pelo trabalho, ou por outra via qualquer. Esse exemplo é bem didático para explicar a importância do sentimento de pertencimento dos jovens ao grupo através do consumo, prática legitimada na sociedade contemporânea.

Outro tema foi em relação à homossexualidade feminina abordada pela novela “Mulheres Apaixonadas”, no qual se discutia a opção sexual de uma jovem. Os jovens demonstraram, segundo a autora, certa dificuldade em se identificar com a história, exceto um garoto. E que a mídia, lidando de maneira espetacular com tal situação, não auxilia no processo de fazer com que os jovens se identifiquem com o diferente. É a velha máxima de que “se for na casa do vizinho, tudo bem!”

Antes de propor um novo tópico que será denominado por Fischer de Imperativos midiáticos, ela finaliza sua discussão citando a autora Sontag para discutir a sociedade atual, que inocenta os cidadãos comuns da responsabilidade pela miséria e sofrimento humano, bem como declara sua impotência diante da imperatividade da vida e suas vicissitudes. E que a experiência de ter vivido num campo de guerra de Saravejo a fez perceber que nem todo mundo lida com a dor do outro de maneira massificada e espetacular. Embotados afetivamente e desejando que sua dor não seja veiculada na mídia. Manter-se alheio aos acontecimentos. Ao contrário, muitas vezes se deseja que a dor seja mostrada como um acontecimento particular, único (Sontag, 2003: 93 apud Fischer, 2004).

Neste novo tópico, ela discute a sexualidade dos jovens a partir das considerações foucaultianas em relação às forças sociais de controle e de repulsa as possíveis “anormalidades” (ibidem, p. 10). Os quanto jovens são convidados, através dos discursos midiáticos, neste caso uma cena do programa *Malhação*, a se mostrarem para seus pais, professores e médicos. Pelo aval dos pais, pelas prescrições dos médicos e conselhos dos professores, farão o que se está dentro dos padrões sociais. “Do velho e bom costume”, ou seja, uma pedagogia midiaticizada. E a fala de um dos adolescentes da pesquisa confirma a hipótese foucaultiana de que a sexualidade escapou das questões naturais e fisiológicas da vida humana, para a complexidade das



ordens sociais: *“Bah, mas eu tenho que falar com o meu pai! Tipo, ele deve saber”* (ibidem, p. 10). A sexualidade, então, também é objeto da pedagogia. É preciso ensinar aos jovens como exercê-la de maneira segura, correta e limpa, ou seja, moral.

Para finalizar suas argumentações, Fischer aponta algumas considerações de Zizek a respeito da necessidade de se construir uma nova noção de coletividade. Segundo ela, é imprescindível pensar em novas formas de narrativas midiáticas, por exemplo, e outras formas pelas quais os indivíduos se conectariam consigo mesmos e com os outros.

Fischer (2004) refletindo sobre as considerações de Kehl (2004) corrobora com a idéia de que as criações imaginárias humanas têm a função de ajudar a lidar com o que não se pode compreender. Desta forma, fornece certa segurança para os indivíduos, na medida em que, a imprevisibilidade da vida e o acaso possam ser objetivados e, portanto, racionalizados. Logo, estabelecer relações de causalidade para com os acontecimentos do cotidiano, antes tidos como irracionais, inevitáveis e cruéis. De fato, o tempo todo se produz discursos para dar conta do adoecimento, do envelhecimento, das crueldades humanas e tudo mais que pareça ferir a integridade humana, sobre a qual não se tem controle e não se pode racionalizar, quer pela imprevisibilidade dos fatos, como é o caso de um assalto, ou pelo imperativo da condição humana, como é o caso do envelhecimento e da morte.

Zizek (2003), segundo a autora, está propondo que se faça exatamente o contrário. Que se dê novos significados para os atos da vida, posto que a despeito de qualquer coisa, há sempre que se incorrer ao risco, uma vez que jamais haverá garantias na totalidade da vida humana.

Para sintetizar seus argumentos finais em relação à educação na contemporaneidade, Fischer afirma que nas práticas educacionais da contemporaneidade falta imprevisibilidade, de se lidar com o inesperado. Ela propõe a inserção da mídia no meio escolar para encorajar os alunos a uma certa disponibilidade à vida. Para que se conviva com o outro, se expresse, aja, divida o poder e que se seja singular (p. 11). Ou seja, experimentar atos políticos na esfera pública através da mídia. Esta, novamente, como arena na luta pelo político e pelo poder, no exercício da cidadania no século XXI. Foucault e a análise do discurso em educação, adequando o método a prática.

## **5. Conclusão**

Pelo que fora exposto neste trabalho, pode-se concluir que a análise do discurso foucaultiana utilizado pela autora Rosa Maria Bueno Fischer é um método que aproxima teoria e prática, e que pôde ser comprovado por meio da demonstração de alguns resultados de pesquisa produzidos por ela e explicado a partir do método. A autora deixa claro em seus textos a pertinência de se analisar os discursos pedagógicos da mídia, dado o seu poder político e de construção de saberes, uma vez



que este “local” é privilegiado para que os enunciados sejam produzidos, reproduzidos, transformados, etc. (Fischer, 1996). Investigar que dispositivos estão em jogo na relação entre o que o sujeito vê e aprende através dos processos envolvidos na linguagem, nos discursos de poderes, dos saberes e dos processos de subjetivação (Fischer, 2008).

Fazer uma pesquisa utilizando esta metodologia é considerar sua temporalidade, seu alcance, as relações de saberes e poderes envolvidos nos enunciados que compõem os discursos. É estar atento ao fato de que nem tudo pode ser capturado pelas forças sociais, e que por isso mesmo, o sujeito pode transformar o instituído, tido como verdade e como “natural” a ele e aos outros. Pode transformar os enunciados e produzir novos discursos. Sobre isso, a autora afirma que, atualmente, este processo é atravessado pela influência da mídia sobre ser sujeito: adolescente, mulher, adolescente e mulher, menino, menino e negro, pobre ou rico, entre outros.

Em relação aos que fazem pesquisa, fica claro a exigência de uma postura mais concreta e modesta, uma vez que o intelectual fala em nome de um grupo pequeno, de um local específico e histórico (ibidem, p. 25). Histórico, inclusive, porque o pesquisador, muitas vezes, é contemporâneo ao seu objeto de estudo, e ainda que não seja, sofre influência deste ao analisar o passado. Este princípio, adotado pela autora, é defendido por Foucault ao longo de seus estudos e mantido até o final de sua obra. Por pertinente que parece ser, por mais que as sociedades tenham se transformado desde o século passado, a proposta descrita por ele, parece servir de “calço” para que se compreenda a produção de dados de uma pesquisa como algo relativo e específico, nunca atemporal, natural e geral.

Estudar a relação entre mídia e educação para a autora, em suma, é fazer com que o conceito seja mobilizador de questionamento, é sugerir caminhos e ser pertinente ao escolher o método em relação as práticas cotidianas de aprender gostos, de educar o olhar, de selecionar informações, de incorporar gestos, modulações de voz, de compreender a si e os outros.

O que se torna relevante é compreender os processos comunicacionais em relação a sua linguagem, dos enunciados ditos e não ditos, em detrimento dos julgamentos de valores, sobre o que é bom ou não, sobre o que educa ou “deseduca”, afirma ela.

Para finalizar, a postura do pesquisador não é o de juiz. Não cabe a ele emitir julgamentos morais sobre o que é certo ou errado. Sua função é investigar, compreender, sugerir, ser político, no sentido de se implicar com sua prática, ser ético e engajado nas suas causas, suas inquietações enquanto sujeito que produz “verdades” através dos seus discursos de “saberes”. É refletir sobre si e sobre outros. É, como disse Foucault, debruçar-se sobre aquilo que lhe toma, lhe causa incomodo, lhe apanha plenamente, porque aquilo que lhe chama a investigar você não sabe o porquê



(ibidem, p. 34). Por isto tudo, o pesquisador deseja mudar a si mesmo e, inevitavelmente, mudar o outro. Ser tocado e transformado pelo seu próprio objeto de investigação.

## **REFERÊNCIAS**

BRAGA, José Luiz. **A SOCIEDADE ENFRENTA SUA MÍDIA: DISPOSITIVOS SOCIAIS DE CRÍTICA MUDIÁTICA**. São Paulo: Paulus, 2006.

KELLNER, Douglas. **A CULTURA DA MÍDIA – ESTUDOS CULTURAIS: IDENTIDADE E POLÍTICA ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO**. São Paulo, EDUSC, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **FOUCAULT E A ANÁLISE DO DISCURSO EM EDUCAÇÃO**. Caderno de Pesquisa, n. 114, p.197-223. novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. **MÍDIA E JUVENTUDE: EXPERIÊNCIA DO PÚBLICO E DO PRIVADO NA “SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais COIMBRA Portugal, 2004.

\_\_\_\_\_. **O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO DA MÍDIA: MODOS DE EDUCAR NA (E PELA) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./julho. 2002.

\_\_\_\_\_. **IMAGENS DA MÍDIA EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA**. In: GIRARDELL, Gilka; FANTIN, Mônica, (Org.). **LIGA, RODA, CLICA: ESTUDOS EM MÍDIA, CULTURA E INFÂNCIA**. Campinas, São Paulo, PAPIRUS, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. In: **Os intelectuais e o poder**. 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GUATARRI, Félix e ROLNIK Suely. **MICROPOLÍTICA: CARTOGRAFIAS DO DESEJO**. In: **Cultura: um conceito reacionário** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. Cap.I p. 22-31.

\_\_\_\_\_. In: **Subjetividade e história** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. Cap.I p. 33-62.

SILVERSTONE, Roger. **POR QUE ESTUDAR A MÍDIA?** São Paulo: Loyola, 2002.